

O Amor Livre e as Lésbicas

Nina Scarnia

Nesse final de semana, por alguma razão todas as pessoas que puxaram conversa comigo falaram sobre amor livre, e muito. Eu percebi algo a partir de um questionamento que me fizeram no sábado.

Uma adepta do amor livre, que sabia que eu estou numa relação "monogâmica", perguntou o que as adeptas disso sempre perguntam, ao saber que alguém está namorando: "mas e se uma quiser ficar com outra pessoa, o que vocês vão fazer?". Ela queria saber o que faríamos caso isso ocorresse. E aí eu percebi que nós não tínhamos conversado sobre isso, pelo simples fato de que não era uma conversa prioritária. Dentre todas as coisas que precisávamos estabelecer e nos preocupar para que a relação fosse respeitosa, cuidadosa, simétrica, não foi das primeiras coisas que passou em nossa cabeça discutir "ai mas e se eu quiser dar uns pega em outra mina?". Curiosamente (ou nem tanto) esse modelo centra a discussão no sexo. Então umas fichas caíram e eu quis escrever sobre isso.

Monogamia e Heterossexualidade

Minha namorada eventualmente disse, em outra conversa no domingo, que entre lésbicas o que ocorre não é monogamia, é outra coisa. Então vamos discutir como é um bom jeito de definir monogamia?

Vamos começar com as relações heterossexuais, que foram as criadoras dela.

O amor livre e eu, supostamente, temos um ponto comum que é: a monogamia serve à dominação das mulheres. Apesar disso, as pessoas do amor livre centram muita atenção no sexo, mas a monogamia é mais do que um contrato de exclusividade sexual. Eu nunca vi fazerem a discussão de como, exatamente, a monogamia serve à dominação da mulher. Vou explicar o que quero dizer com isso.

A exclusividade sexual é o que consegue, sozinha, a dominação da mulher pelo homem? Evidentemente não. O que garante a dominação da mulher pelo homem é a junção do monopólio afetivo, sexual, erótico e econômico. As reflexões do amor livre falham ao resumir a monogamia a uma questão de exclusividade sexual. Pois a exclusividade sexual poderia vir desacompanhada de todo o resto que leva à manutenção da nossa efetiva dominação. Onde fica o link? Fica no fato de que o erotismo e o afeto foram inteiramente resumidos ao contato genital, ao sexo, no patriarcado branco ocidental. E, tendo vinculado todo o erotismo e a maior parte do afeto ao contato sexual, só depois disso é que a exclusividade sexual pode ser confundida com a raiz de todos os males.

Tendo percebido que a exclusividade sexual sozinha não faz verão, definamos a monogamia em seu total. A monogamia é o monopólio afetivo, erótico, sexual de um homem sobre "suas" mulheres. Isso bate curiosamente com a definição de um outro conceito. O feminismo definiu que o monopólio erótico, sexual, afetivo dos machos sobre as mulheres tem o nome de Heterossexualidade Compulsória. A monogamia é apenas uma das formas da heterossexualidade compulsória, do amar quem te explora. Destrua a monogamia e o patriarcado vai apenas reinventar-se na heterossexualidade compulsória - e é exatamente o que ele tem feito, em resumir o feminismo às políticas de orgasmo. Em vez de ser explorada por um homem em um casamento, a mulher não-monogâmica vai ser explorada por vários homens. Em vez de reservar todo o seu afeto pra um homem, vai reserva-lo todo a vários homens. Nada muda, a classe feminina continua dedicando todo o seu afeto, esforços e sexo à classe

masculina.

Mulher e Propriedade Privada

Os textos que vejo sobre amor livre por aí usam a concepção marxista da dominação da mulher e, conseqüentemente, da monogamia. É um pressuposto: o homem quis que a mulher fosse monogâmica pra controlar a passagem da herança adiante. Isso não é uma teoria da dominação do homem sobre a mulher, isso é uma teoria do controle da propriedade privada. E bem se sabe que, pro marxismo clássico, não existe uma classe mulher dominada pela classe homem, o que oprime a mulher é a existência de propriedade privada. Pra teoria de Engels, homens proletários não dominam mulheres proletárias, afinal, não existe propriedade sendo passada adiante. O machismo na classe operária, assim, seria apenas um instrumento capitalista para causar enfraquecimento e desunião de classe, e não uma dominação que beneficie os machos em detrimento das mulheres.

Com isso, o amor livre se faz bem consistente quando quer dizer que, ao acabar com a relação de posse, acaba a relação de dominação entre o homem e a mulher daquela relação. É justamente dessa base marxista, que toma várias questões por dadas em vez de questioná-las, que vem a ideia de que é a exclusividade sexual que causa os problemas. Só pra exemplificar, a clássica crítica da Simone de Beauvoir que pergunta: ok, foi pra controlar a propriedade privada, mas por que foi o macho que dominou a fêmea e não o contrário? Com isso, não surpreende que o foco maior da militância do amor livre seja o sexo. Ignora que essa exclusividade sexual só tem relevância no contexto citado no item acima, e resume tudo à questão do controle de herança, fazendo vista-grossa às lacunas explicativas, e assim segue uma militância focada em sexo. Comodamente, o inimigo, o explorador, fica sendo a monogamia em vez de ser o homem. Novamente, o inimigo da mulher é um conceito em vez de uma classe muito objetiva. Olhamos pro homem que levantou o punho sobre nós e o desceu na nossa cara e dizemos: o machismo me bateu.

E, dado o contexto das políticas de orgasmo, não é à toa que o amor livre se dissemine nos meios anarco-individualistas.

"Anarquismo" Individualista e Amor Livre

Espero não surpreender ninguém ao afirmar que o movimento anarquista na juventude brasileira não é exatamente o anarco-comunismo, nem o anarco-sindicalismo. Convesando com a maioria dos anarco-punks e anarquistas, a gente percebe que entre a maioria deles a linha entre o anarquismo e o neoliberalismo anda bem tênue. Isso porque a liberdade tem sido vista de maneira individualizada, e as reflexões sobre coletividade são bastante rasas. Especialmente no que diz respeito às relações entre os sexos. O conceito de horizontalidade é confundido com o conceito de falta de regras e de disciplina. Se você pega Bakunin pra ler, ele bate inúmeras vezes em uma disciplina revolucionária muito bem explícita, estruturada e rígida. Bakunin não rejeita autoridades, no sentido de que pessoas mais experientes devem sim ser ouvidas de maneira especial, o que ele rejeita é autoritarismo, a impossibilidade de questionar essas autoridades e a obrigação de se curvar ao monopólio de algumas delas.

Então o que temos no Brasil é esse "anarquismo" individualista travestido de anarco-comunismo - na verdade, a maior parte não se compromete a diferenciar os anarquismos, chegando a colocar os libertários, que são de extrema direita, junto com o resto dos anarquistas. Isso posto, também não surpreende que tantos libertários adorem a ideia de amor livre, e que "libertário" seja um termo

intercambiável com "livre", e que quase nenhum anarquista consiga diferenciar esses libertários dos anarquistas supostamente revolucionários, sendo que ambos frequentam os ambientes de amor livre. Enfim, então vem essa ideia de que anarquia é falta de regras: um relacionamento livre, anarquista, é um relacionamento sem regras. A galera que, massivamente, reproduz isso, esquece o que qualquer blog de introdução ao anarquismo diz: anarquia não é anomia. A sociedade anarquista, pro Bakunin, terá leis.

Falar sobre o livre trânsito de libertários de extrema direita e anarquistas que se pretendem de esquerda deixa bem claro o problema da falta de regras. Falta de regras é *laissez-faire*, é algo necessariamente a ser combatido por qualquer posição revolucionária. Pois as regras existem, a diferença é que regras explícitas podem ser contestadas e coletivamente construídas, regras ignoradas não podem. Dizer que regras não existem é justamente constituir um discurso ideológico, de manipulação, é ocultar as regras que regem a sociedade e as relações. [1]

Não estabelecer regras é apenas deixar que regras não acordadas e implícitas governem o seu relacionamento. Toda relação tem regras de convívio quer elas sejam explicitadas ou não. Essas regras são os limites que eu me boto em relação ao bem estar da outra pessoa, ou também são as regras implícitas de quem está na posição dominante. Tipo, decidir que a relação vai se basear na não hierarquização e que não se pode podar as relações sexuais da outra são regras.

Pontos não Disputados no Amor Livre

A gente vê muita discussão sobre como deve ser levada uma vida de amor livre. Algumas, poucas, feministas batem na tecla do protagonismo feminino sobre essa luta, e na tecla de que essas relações devem ser construídas com respeito e cuidado. No entanto vemos bastante disputa sobre qual o nível de cuidado que passa a ser ceder a controle, etc.

O que é base da teoria do amor livre, ou seja, não é terreno de disputa e, portanto, é a prioridade teórica, é o fato de que você não vai dar pitaco sobre com quem eu trepo. E se o teu bem estar entra em conflito com o meu prazer sexual, é você que precisa rever sua posição pra não me impedir de trepar com quem eu quero, e não nós que devemos chegar a uma negociação sobre a importância daquilo no conjunto da nossa relação. Isso é uma regra muito clara nesse modelo de relacionamento "sem regras".

Eu acho curioso que a base impassível de disputa de uma teoria de relações amorosas seja o sexo. Todos os outros campos, do respeito, do cuidado, são campos de batalha. O ponto sobre o sexo fica bem confortável na sociedade das políticas de orgasmo. A primeira pergunta que veio à cabeça daquela lésbica, a respeito da minha "monogamia", foi sobre o sexo e isso não é coincidência. E é sempre assim. E o foco não é sequer no erotismo, é sempre no sexo, corpo com corpo, objeto com objeto.

As pessoas do amor livre pregam que, uma vez que a monogamia foi sempre algo exigido da mulher, o protagonismo dessa luta é dela. Mas essa luta é pelo que? Os pressupostos dessa luta não apenas foram criados por homens, como vêm das necessidades deles. É justamente uma luta masculina, que parte do pressuposto de que prender as possibilidades sexuais de alguém é algo essencialmente nocivo. Afinal, se está estabelecida a regra do cuidado mútuo, por que regras relativas ao contato sexual são as únicas inadmissíveis? Isso é o que o patriarcado sempre fez, desde antes de o feminismo vir nos dizer que "o pessoal é político". Porque o mundo privado e sexual sempre foi o

mundo sobre o qual regras não podem incidir, sejam elas estatais, sejam por problematização. E essa não incidência de regras determinou, justamente, que os homens tivessem liberdade de criar suas próprias regras no jogo da nossa dominação, escondendo-as e nos deixando no escuro sobre nossa dominação.

A dominação masculina como problema é deslocada e o problema passa a ser que mulheres não façam sexo como os homens fazem - bandeira que é liberal já de longa data. E não importa o reformismo que algumas mulheres coloquem sobre essa prática dizendo que o cuidado importa etc., a base desse pensamento é o de que a liberdade sexual é uma base essencial e incontestável. Super valorização do sexo no maior estilo liberal.

Nós, Lésbicas Feministas

O monopólio afetivo, erótico e sexual entre duas lésbicas é prejudicial. Porque isola duas lésbicas do resto da comunidade de mulheres, porque causa intenso sofrimento. Mas nem de longe o ônus da "monogamia" lésbica é semelhante ao da monogamia heterossexual. Entre lésbicas a monogamia não tem função, não serve à dominação de uma classe sobre outra. Ao contrário, o mero fato de lésbicas estarem se relacionando já vai de encontro à insituição da monogamia, na qualidade de manifestação da heterossexualidade compulsória. Sem falar que "posse" é um termo que tem que se referir à dominação, é algo que como classe o homem tem sobre a mulher, é desonesto dizer que lésbicas têm "posse" umas sobre as outras e é contraproducente definir posse como um sentimento, porque a posse do homem sobre a mulher é algo notavelmente material. Não é útil chamar de monogamia o que ocorre entre as lésbicas porque apaga a diferença estrutural de um relacionamento de exclusividade entre lésbicas. Isso não significa dizer que a reprodução de hierarquias, derivadas do modelo heterossexual, não deva ser questionada. Mas significa sim dizer que colocar a monogamia lésbica e a monogamia hetero no mesmo barco (isto é, sob um mesmo conceito) é juntar realidades totalmente opostas. Querendo ou não, o monopólio afetivo, sexual e erótico está ocorrendo dentro da classe feminina e não em direção à classe dominante. Isso em si já é revolucionário, conquanto a reprodução de hierarquia entre lésbicas vá sempre diminuir o potencial revolucionário das relações lésbicas.

Da mesma forma, o fato de haver uma relação de exclusividade sexual entre duas lésbicas não significa que estejam preenchidos os requisitos da monogamia heterossexual, nem mesmo como tentativa de reprodução do modelo. A exclusividade sexual pode ser uma forma de cuidado onde muitas lésbicas já se viram dilaceradas pela violência sexual e pelas relações de triangulação. Sexo não é algo assim tão importante.

O que me preocupa mais é o monopólio erótico e afetivo, pois esses sim isolam as lésbicas do resto do mundo. O fato de que eu não tenho interesse em transar com mais ninguém, muito em parte devido ao fato de que devido a vários traumas eu só transo se confiar muito na pessoa, não significa que eu não vá desenvolver vínculo afetivo e erótico com outras mulheres. Erótico no sentido do carinho. E, por mais que num mundo ideal imaginário sem dominação o sexo não precise ser uma categoria diferente do carinho, no mundo onde vivemos ele é e os traumas vividos são frequentemente atribuídos a atos sexuais enquanto que não a atos de carinho. **Uma relação autônoma entre lésbicas não pode partir do pressuposto milenarmente masculino de que "na minha trepada ninguém manda", todos os pontos precisam ser problematizados porque nenhum dos pontos relativos a afeto, respeito e troca é mais importante do que o outros. Nós mal começamos a catar os cacos da nossa existência lésbica e da confiança perdida, mal começamos a nos identificar com outras mulheres, mal aprendemos a amar e confiar, e já querem desconstruir nossas formas de amor**

com o único intuito de manter o princípio do prazer sexual irrestrito. Nós estamos vivendo enquanto resistência a uma sociedade patriarcal, e não enquanto sociedade autônoma pós-revolução, e isso faz com que precisemos priorizar o cuidado conosco mesmas, levando em consideração o fato de que temos traumas e de que estamos na condição de resistência que apanha de todos os lados. Na minha opinião, o relacionamento entre lésbicas precisa se ver como fortalecimento político entre as guerreiras resistentes a essa sociedade.

[1] parafraseei de um texto da Jo Freeman chamado A Tirania das Instituições sem Estrutura